

Um teatrinho de papel

Cinco perguntas a ANA VITORINO, CARLOS COSTA e CATARINA MARTINS. Por PEDRO SOBRADO.

“An Outpost of Progress”¹ é uma narrativa sobre dois homens europeus abandonados à sua sorte na vastidão da selva africana. O que no conto de Joseph Conrad, cheio de uma amarga ironia, cativou a atenção da companhia, acabando por desencadear este projecto?

No Visões Úteis, os projectos amadurecem ao longo de bastante tempo, e o que nos move agora não é necessariamente o mesmo que no início do processo criativo. Conrad atraiu-nos tanto pela forma como nos revela face aos outros, em universos sem referentes, como pelo particular uso da língua e construção narrativa. Na base deste espectáculo está, desde o início, o projecto de adaptar dois textos de Conrad: o conto “An Outpost of Progress” e a novela *Heart of Darkness*². É o conjunto das duas obras, que abordam o mesmo tema com perspectivas e registos completamente diferentes, que é o motor de dois espectáculos: *A Frente do Progresso* e *O Resto do Mundo* [a estrear a 25 de Maio, co-produção Visões Úteis/FITEI]. Ambos têm em comum um mundo do avesso que expõe o vazio em que vivemos. No caso de *A Frente do Progresso*, é claramente o cariz sardónico do narrador, com a sua particular escolha de palavras, que dá o mote ao espectáculo.

O texto de Conrad remete-nos para a experiência trágica do Congo belga e, em boa medida, subverte a ideia europeia e oitocentista do “herói colonial”. A questão do colonialismo é, de algum modo, enfatizada nesta produção?

“An Outpost of Progress” foi publicado pela primeira vez com o título “A Victim of Progress”, num número especial da revista *Cosmopolis* dedicado às celebrações dos 60 anos de regência da rainha Vitória. As comemorações em torno da figura da monarca exaltavam fervorosamente a expansão territorial britânica e é fácil imaginar como este conto terá destoadado no meio dos diversos contributos literários que compunham a edição, todos eles realçando a missão civilizacional sagrada da expansão colonial. Conrad não só reage com ironia ao orgulho nacionalista que o rodeia como subverte de forma mordaz a figura do herói colonialista que povoava a literatura da época. As aventuras de exploradores e missionários brancos nos lugares inóspitos e brutos da Terra eram lidas com apreço, e não deixa de ser curioso que a obra de Conrad, tão crítica da acção e dos motivos destes homens, tenha sido mais tarde considerada como um dos melhores exemplos deste tipo de literatura. No Visões Úteis, somos recorrentemente atraídos por autores que questionam o momento histórico que estão a viver e cuja obra inquire também o nosso momento histórico. Na adaptação que fizemos não destacamos concretamente a questão do herói colonial. O que nos interessa é o gesto que o define: a forma arrogante como olha um mundo desconhecido e acredita que o domina. E isto é comum ao herói colonial, ao imperialismo belicista americano e ao urbanismo de gabinete.

Neste espectáculo, há três actores, por assim dizer, presos à condição de três personagens (Kayerts, Carlier e Makola) e os outros dois intérpretes parecem

circular, assumindo as múltiplas personagens que vêm perturbar o quotidiano daquele triângulo. Esta distribuição de personagens releva de uma opção dramaturgica?

Neste plano, a distância que o narrador de Conrad coloca entre o leitor e a história, obrigando a um exercício crítico permanente mas ainda assim transportando-nos com ele para aquele posto enclausurado entre o rio e a selva, foi determinante. Para que o conto funcionasse em palco como uma parábola deste tempo e lugar, esta distância e artificialidade tinham de ser mantidas. Por isso colocámos o posto e seus habitantes – Kayerts e Carlier, mas também Makola – no centro de um “teatrinho de papel” manipulado à vista de todos. Todo o espectáculo se constrói sobre as relações que as diferentes personagens estabelecem entre si e o seu papel no dispositivo teatral. A personagem que assume o tom sardónico do narrador de Conrad, e à qual também associámos a visão dos representantes da “civilização” e da “selvajaria”, manipula as outras três para contar uma história ao público, com a ajuda de uma quarta personagem que se transfigura a cada momento. Kayerts, Carlier e Makola são os únicos que ignoram que estão no teatro. Makola tem a vantagem de conhecer o cenário: a selva e o rio que rodeiam o posto. Kayerts e Carlier, filhos da civilização dominante, não conhecem nada. Não sentem a necessidade de conhecer nada.

As ilustrações de José Carlos Fernandes acabaram por assumir um papel de referência na concepção visual do espectáculo, nomeadamente no que diz respeito à cenografia e aos figurinos...

A ideia de artificialismo e parábola que fomos beber ao registo do narrador de Conrad lembrou-nos o trabalho do José Carlos Fernandes. O uso da cor e a caracterização das personagens presentes na série de BD “A Pior Banda do Mundo” criam o realismo grotesco que procurávamos. Por isso decidimos convidá-lo para ilustrar o conto, para que as suas ilustrações inspirassem a concepção plástica do espectáculo. Ficámos muito contentes por ele ter aceite este desafio e o resultado teve mesmo consequências mais vastas do que esperávamos – e ainda bem! As ilustrações do José Carlos Fernandes criaram, literalmente, horizonte. O que levou a uma colaboração muito especial entre o José Carlos Coelho e o João Calvário, o que, por sua vez, colocou novos desafios à encenação. O convite que fizemos ao José Carlos Fernandes foi uma estreia para todos, mas não é nova a necessidade que sentimos de discutir os projectos, numa fase ainda muito embrionária, com toda a equipa de criadores. Em todos os nossos espectáculos está muito presente a contaminação entre as diferentes disciplinas artísticas de que o teatro vive.

Como foi referido, este espectáculo é a primeira metade de um díptico: seguir-se-á *O Resto do Mundo*, uma adaptação nada convencional de *Heart of Darkness*. Ambos os textos reportam-se às experiências vividas por Conrad no Congo, mas assumem diferentes perspectivas. “An Outpost of Progress” fala de dois homens num ponto fixo da borda de um rio, que observam dia após dia, enquanto *Heart of Darkness* descreve a subida desse mesmo rio, fazendo das suas margens o objecto de observação. Como é que estas perspectivas diferenciadas são exploradas nos dois espectáculos?

É dos dois modos de ver de Conrad que nasce a inspiração para estes espectáculos, que exploram precisamente a mesma dualidade, a mesma relação com o espaço. *A Frente do Progresso* nasce de um modo de ver estático: as personagens estão paradas na margem de um rio e atravessam a narrativa sem sofrer qualquer alteração. A história instala-se no palco e é transportada até nós pela convenção teatral; brincar com o dispositivo

cénico oferece-nos o necessário ponto de perspectiva sobre a história. *O Resto do Mundo* resulta de um modo de ver dinâmico: Marlow sobe o rio ao encontro das trevas e essa experiência marca-o profundamente. Recorremos àquilo a que se tem chamado um “objecto transdisciplinar”, criado, como já é habitual, em estreita colaboração com o João Martins, para que o confronto entre a narrativa de Conrad e a cidade do Porto nos permita uma nova perspectiva sobre o espaço que habitamos: evocando a recordação de Marlow, um taxista erra pela cidade ao encontro das suas trevas. *O Resto do Mundo* será um espectáculo de teatro *in itinere*, que dá continuidade aos audio-walks criados pelo Visões Úteis, bem como a uma reflexão sobre a paisagem urbana que atravessou todo o século XX, desde os dadaístas e surrealistas, passando pelos situacionistas e pela *land art*. Um táxi perdido na zona oriental da cidade, o Porto para lá da Circunvalação, a cidade onde não se vai...

¹ A narrativa, publicada pela primeira vez em Julho de 1897 na revista *Cosmopolis*, foi integrada no livro de contos *Tales of Unrest* (1898), publicado em língua portuguesa pela editora Assírio & Alvim com o título *Histórias Inquietas*. Na tradução portuguesa, assinada por Carlos Leite, o conto tem como título “Um Posto Avançado do Progresso”.

² Editado em Portugal pela Editorial Estampa com o título *O Coração das Trevas* (tradução de Aníbal Fernandes).